

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

**Atena**
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p>CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO

Data de aceite: 18/11/2019

Flávio Rey de Carvalho

Doutor em Ciência da Religião – Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

RESUMO: Este artigo trata do espiritismo, doutrina surgida na França, por intermédio das obras de Allan Kardec – pseudônimo de Hyppolite Léon Denizard Rivail (1804-1869). Dos títulos lançados por Kardec, destaca-se *O livro dos Espíritos*, vindo a lume em 1857, considerado o marco fundador do espiritismo. Com a proposta de fornecer subsídios passíveis de enunciar a atualidade do espiritismo como religião, o presente estudo objetiva tecer algumas considerações ligadas ao surgimento da doutrina espírita, em meados do Oitocentos, e refletir sobre seu aspecto religioso, utilizando-se, para isso, a categoria “religião pessoal”, apreendida da obra *As variedades da experiência religiosa*, de William James. Sob essa perspectiva, que considera aquilo que parte do “interior” das pessoas - seus “sentimentos”, sua “consciência” e seus “atos” -, sustenta-se a hipótese de que o espiritismo é uma religião baseada no estabelecimento do *laço moral* entre os indivíduos, isto é, no desenvolvimento dos sentimentos mútuos de fraternidade, solidariedade, indulgência e benevolência.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritismo. Religião. Aspecto religioso. Allan Kardec. William James.

CURRENTLY ASPECTS OF THE ESPIRITISM AS A RELIGION

ABSTRACT: This article deals with the spiritism, doctrine that arose in France, by the works of Allan Kardec – pseudonym of Hyppolite Léon Denizard Rivail (1804-1869). Of the titles released by Kardec, *The Spirits' book*, published in 1857, is considered the founding mark of spiritism. With the purpose of providing subsidies that can state the actuality of spiritism as a religion, the present study aims to make some considerations related to the emergence of the spiritist doctrine, in the mid-1800s, and to reflect on its religious aspect, using, for this, the “personal religion” category, taken from William James's *The Varieties of Religious Experience*. From this perspective, which considers what departs from the “interior” of people – their “feelings”, their “conscience” and their “acts” – the hypothesis that spiritism is a religion based on the establishment of the moral bond – among individuals, that is, in the development of mutual feelings of brotherhood, solidarity, indulgence, and benevolence – is supported.

KEYWORDS: Spiritism. Religion. Religious aspect. Allan Kardec. William James.

1 | INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, em função do avanço da ciência - que culminou no chamado “cientificismo” -, cada vez mais os assuntos ligados à temática religiosa passavam a ser vistos com desconfiança. Foi em meio a esse contexto marcado pelo paulatino descrédito da religião que iniciou a atividade de Allan Kardec – pseudônimo de Hyppolite Léon Denizard Rivail (1804-1869), renomado educador francês. Entre 1857 e 1868, Kardec produziu as principais obras que deram corpo à doutrina espírita: *O livro dos espíritos* (1857), *O livros dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865) e *A gênese* (1868) - volumes esses que são chamados de “obras básicas do espiritismo” e “codificação espírita”.

O presente estudo consiste em uma versão reduzida e adaptada da primeira parte do texto “Espiritismo como religião: algumas considerações sobre seu caráter religioso e seu desenvolvimento no Brasil”, publicado em 2017, como capítulo do livro *Espiritualidade e espiritismo: reflexões para além da religiosidade*, organizado por André Ricardo de Souza, Pedro Simões e Rodrigo Toniol (CARVALHO; CARVALHO, 2017, p. 55-78). Com a proposta de fornecer subsídios passíveis de enunciar a atualidade do espiritismo como religião, seu objetivo consiste em: tecer algumas considerações ligadas ao surgimento da doutrina espírita, em meados do Oitocentos; refletir sobre seu aspecto religioso, utilizando-se, para isso, a categoria “religião pessoal”, apreendida da obra *As variedades da experiência religiosa*, de William James (JAMES, 1991, p. 30-31). Sob essa perspectiva, que considera aquilo que parte do “interior” das pessoas - seus “sentimentos”, sua “consciência” e seus “atos” -, sustenta-se a hipótese de que o espiritismo é uma religião baseada no estabelecimento do *laço moral* entre os indivíduos, isto é, no desenvolvimento dos sentimentos mútuos de fraternidade, solidariedade, indulgência e benevolência.

2 | CONTEXTO DE SURGIMENTO DO ESPIRITISMO

O espiritismo emergiu em um período histórico bastante complexo, pois, nos círculos formados por homens de ciência – que, desde 1833, devido a um neologismo criado pelo erudito William Whewell (1794-1866), em 1833, ficariam conhecidos como “cientistas” (HARRISON, 2007, p. 7) – o campo religioso passou ser visto com desconfiança. Desde o cisma da Igreja Católica na França, ocorrido em 1791, em meio à Revolução Francesa (1789-1799), havia um processo de descristianização em curso no país (VOVELLE, 1989, p. 201). Esse contexto teria ensejado a aparição, no transcorrer do século XIX, de filosofias que, aliadas às ciências físicas, passaram a recusar os dogmas apregoados pelas religiões institucionalizadas.

Talvez o caso mais conhecido seja o do filósofo francês Auguste Comte (1798-

1857), que, segundo os historiadores Serge Berstein e Pierre Milza, procurou “[...] no Positivismo uma maneira de pôr definitivamente termo aos problemas do período revolucionário [...]”, convencendo-se “[...] de que seria possível estabelecer uma ordem social conforme às leis da ciência experimental.” (BERSTEIN; MILZA, 1997, p. 82). Para Comte, chegara o momento de se substituir a atitude religiosa ou metafísica por uma postura científica em relação ao conhecimento (BURKE, 2012, p. 102). Em função da crescente busca pela produção de um conhecimento de cunho positivo – isto é, pautado exclusivamente pela indução e pela empiria –, muitos cientistas passaram a considerar a religião como inimiga do progresso científico – postura essa que veio a ser chamada de “cientificismo” (CRUZ, 2014, p. 51), mas que, juntamente com o “positivismo”, passou a ser questionada, da segunda metade do século XIX em diante, sobretudo, nos campos da Sociologia e da História, (BURKE, 2012, p. 102).

Assim, conforme ponderou o sociólogo Robert Nisbet (1913-1996), apesar do poderoso encantamento que a palavra “ciência” gerou durante o Oitocentos, “[...] não se pode dizer que a devoção cristã tenha desaparecido [...]”, pois,

O século XIX deve ser considerado como um dos dois ou três períodos mais férteis da história da religião no Ocidente. Esse século é rico em escritos teológicos; nele o evangelismo disseminou-se por todas as classes da sociedade, surgiu o evangelho social (tanto protestante como católico) além de aparecerem – o que talvez seja o mais importante – novas religiões [...]. (NISBET, 1985, p. 182-183).

Por conseguinte, seria esse o contexto que teria ensejado o surgimento do espiritismo, também conhecido como doutrina espírita, por intermédio de Allan Kardec.

3 | O NEOLOGISMO “ESPIRITISMO”

A par das transformações ocorridas no século XIX, em termos socioculturais gerais, houve o surgimento de neologismos, que teriam sido criados com o fito de se assimilar (por meio de uma representação terminológica) as novidades que surgiam diante dos olhos das pessoas e, não raro, extrapolavam o campo semântico recoberto pelas expressões até então existentes. Muitas dessas palavras, sobretudo, quando criadas para se referir a um corpo de ideias ou de uma nova doutrina, tendiam a apresentar o sufixo “ismo”. Para o historiador dos conceitos Reinhart Koselleck (1923-2006):

A batalha semântica para definir, manter ou impor posições [...] em virtude das definições está presente, sem dúvida, em todas as épocas de crise registradas em fontes escritas. Desde a Revolução Francesa, essa batalha se intensificou e sua estrutura se modificou: os conceitos não servem mais para apreender os

fatos de tal ou tal maneira, eles apontam para o futuro. [...] Inclui-se aqui a criação dos numerosos “-ismos” que serviram como conceitos de agrupamento e de dinâmica para ordenar e mobilizar [...]. O leque semântico do emprego de tais expressões vai – como ainda é hoje o caso – desde o clichê até o conceito definido academicamente. (KOSELLECK, 2006, p. 102-103).

Assim do ponto de vista lexical formal, o termo “espiritismo” somente aparece no *Dictionnaire de l'Académie Française* – que contou com duas edições ao longo do Oitocentos –, a partir da versão de 1878. Nesta edição, que reviu e atualizou o texto anteriormente publicado em 1835, foi acrescentado um verbete sobre “espiritismo” - definido como: “Doutrina cujos seguidores afirmam se comunicar com os espíritos dos mortos, por meio de um intermediário que eles chamam de médium.” (*DICTIONNAIRE...*, 2002, tradução nossa). Por esse motivo, *considera-se incorreto* utilizar adjetivos para qualificar (ou fragmentar) o espiritismo - como ocorre, por exemplo, com a redundante expressão “espiritismo kardecista”, ou mesmo os chamados “espíritas progressistas” (que, ao se identificarem como “progressistas”, tendem a se ver como *diferentes* e *distintos* dos demais “espíritas” que seguem Kardec), visto que há só um significado para esse termo, justamente para não dar margem ao divisionismo, à desunião ou à cisão doutrinária, cunhado por Allan Kardec nos anos 1850. Sob essa perspectiva, considera-se que a palavra “espiritismo” consiste em um neologismo criado para conferir uma identidade própria à nova doutrina apresentada em *O livro dos espíritos*, lançado em 1857, no qual Kardec justificou a necessidade de formular uma terminologia específica para afastar qualquer confusão advinda de uma eventual metonimização com a linguagem preexistente – o que torna questionável a motivação que teria levado à posterior introdução (sem se basear em Kardec) de “adjetivos” para segmentar tanto o espiritismo quanto os espíritas –, visto se tratar de algo *sui generis*, ou seja, devendo ser entendido em seus próprios termos, consoante se segue:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espírita*, *espírita*, *espírita* têm acepção bem definida. [...] Com efeito, o espiritismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espírita. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espírita*, *espírita*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espírita*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espírita* a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espírita*, ou, se quiserem, os *espírita*. (KARDEC, 2003, p. 13).

Apesar dessa clareza terminológica, em 2008, a cientista social Maria Ângela

Vilhena, ao refletir sobre o aspecto religioso do espiritismo, bem como sobre as repercussões, após um século e meio, da inovadora proposta apresentada por Kardec – visto que a publicação de *O livro dos espíritos* completara, em 2007, seu sesquicentenário –, indagou: “Para o universo espírita seria o Espiritismo uma religião?”. E, comentando, ela ponderou que: “Para os pesquisadores de várias áreas [...] a resposta a essa questão é basicamente consensual, posto que afirmam que sim, o Espiritismo é uma religião. [...] No entanto, para certas lideranças espíritas, a questão é bem mais complexa e controversa.” (VILHENA, 2008, p. 114-115).

Tal ambiguidade, conforme sugeriu o filósofo e cientista da religião Jeferson Betarello, teria sua origem em alguns posicionamentos de Kardec, acerca do aspecto religioso do espiritismo:

[...] a rejeição de Kardec do Espiritismo como religião – a despeito dos elementos presentes ao longo das obras da codificação que contrariam tal afirmação, ecoa até hoje na fala dos espíritas do Brasil [...]. (BETARELLO, 2010, p. 56-57).

Como exemplo, o autor transcreveu, entre outros trechos, a seguinte frase escrita pelo Codificador, na *Revista espírita* de 1859: “O Espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrário teria seu *culto*, seus *templos*, seus *ministros*.” (KARDEC, 1968a, p. 148, grifo nosso).

4 | A DIVISÃO DO CAMPO RELIGIOSO SEGUNDO WILLIAM JAMES

Para se interpretar o conteúdo dessa posição de Kardec, recorre-se a uma explicação apresentada pelo filósofo - considerado um dos fundadores da psicologia da religião - William James (1842-1910), na obra *As variedades da experiência religiosa*, lançada em 1902:

[...] chama-nos a atenção uma grande linha divisória que atravessa o campo religioso. De um lado, fica a *religião institucional*, de outro, a *religião pessoal*. [...] O culto e o sacrifício, processos para influir nas disposições da divindade, a teologia, a cerimônia e a organização eclesiástica, são os elementos essenciais do ramo institucional da religião. [...] No ramo mais pessoal, pelo contrário, são as disposições interiores do próprio homem que formam o centro de interesse, sua consciência, seus abandonos, seu desvalimento, sua imperfeição. [...] os atos a que essa espécie de religião induz são atos pessoais e não rituais [...]. A relação se estabelece, direta, de coração para coração, de alma para alma, entre o homem e seu criador. (JAMES, 1991, p. 30-31, grifo nosso).

5 | O ASPECTO RELIGIOSO DO ESPIRITISMO

Mediante essa explicação, presume-se que seria em rejeição à “religião” de tipo “institucional” – que apresenta um caráter meramente formal, manifesto em

práticas *exteriores* aos indivíduos (cerimônias, organização eclesiástica, rituais) - que se pode interpretar o posicionamento emitido por Kardec, visto que o aspecto religioso do espiritismo se circunscreveria à “religião” de tipo “pessoal” – que envolve, basicamente, o *sentimento religioso* emanado do íntimo dos sujeitos (suas disposições interiores, sua consciência, seus atos) -, não estando, por conseguinte, condicionado por formalidades externas – rejeitadas pelo Codificador - de culto (rituais), templos (sedes) e ministros (cargos). Conforme consta no seguinte comentário de Kardec, publicado na *Revista espírita* de 1868:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito dêsse laço moral é o de estabelecer entre os que êle une, como conseqüência da comunidade de vistas e de sentimentos *a fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. [...] Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida senhores. [...] o Espiritismo é uma religião, e nós o glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sôbre uma simples convenção [...]. Porque, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortêjo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios [...]. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sôbre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado (KARDEC, 1968b, p. 356-357, grifo no original).

6 | CONCLUSÃO

Assim, baseando-se na divisão do campo religioso proposta por William James, o espiritismo, caso fosse considerado sob a perspectiva formal (manifesta em protocolos, rituais, cerimônias, hierarquias, etc.), própria da “religião institucional”, não seria, de fato, uma religião. Por outro lado, caso seja levado em conta o viés da “religião pessoal” (que envolve, em suma, o *sentimento religioso* dos indivíduos), o espiritismo é uma religião. Para fazer um balanço final, retoma-se, oportunamente, a constatação feita pela cientista social Maria Angela Vilhena, segundo a qual para “certas lideranças espíritas” a questão de o espiritismo ser considerado como uma religião seria “complexa e controversa” - todavia, o que estaria motivando isso?

Kardec foi bastante claro quando afirmou, na *Revista espírita* de 1868, que o *espiritismo é* - “sem dúvida” - *uma religião*: baseada, pura e simplesmente, no estabelecimento do *laço moral* entre os indivíduos, isto é, pautada pelo desenvolvimento dos sentimentos mútuos de fraternidade, solidariedade, indulgência e benevolência. Frente a esse posicionamento de Kardec, a sua simples rejeição, por

parte de algumas lideranças espíritas, já não seria um indício de que poderia estar ocorrendo um desvirtuamento na sua proposta basilar? Poderiam as noções de *culto*, *forma*, *hierarquias*, *cerimônias* ou *privilégios* terem se imiscuído em setores do meio espírita, distanciando-os do ideal doutrinário delineado por Kardec? Não seria esse, possivelmente, o motivo da falta de consenso em se considerar o espiritismo como uma religião? Tratam-se de questões complexas e controversas, porém, devemos nos guiar pelos posicionamentos de Kardec, que, quando bem interpretados, não deixam dúvidas, pois, como ele afirmou na conclusão de *O livro dos espíritos*: “O Espiritismo se apóia sobre as próprias *bases da religião* [...]” (KARDEC, 2003, p. 326).

Portanto, considera-se que essa esfera de atuação religiosa do espiritismo, a despeito de consistir em uma proposta elaborada em meados do século XIX, mantém-se adequada aos desafios suscitados pela atualidade - vista como uma época marcada pela *relação* e pelo *diálogo* entre as culturas, conforme esta síntese feita pelo pesquisador da religião Aldo Natale Terrin:

Num tempo em que as culturas se fragmentam e se entrecruzam, se constroem e se dissolvem, as religiões têm o dever de tentar um caminho paralelo de ecumenismo e de globalização de forças, caminho indicado pelo próprio mundo atual, mas têm também o dever de realizar esse percurso em sentido unitário e convergente para ainda servirem de ponto de referência e de farol de luz para a humanidade. (TERRIN, 2004, p. 87).

REFERÊNCIAS

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. *História do século XIX*. Lisboa: Europa-América, 1997.

BETARELLO, Jeferson. *Unir para difundir: o impacto das federativas no crescimento do Espiritismo*. Franca: Unifran, 2010.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CARVALHO, Flávio Rey de; CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Espiritismo como religião: algumas considerações sobre seu caráter religioso e seu desenvolvimento no Brasil. In: SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro; TONIOL, Rodrigo. *Espiritualidade e espiritismo: reflexões para além da religiosidade*. São Paulo: Porto de Ideias, 2017, p. 55-78.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Religião e ciência*. São Paulo: Paulinas, 2014.

DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE. Les huit édition originales de 1694 à 1935. Marsanne: Redon, 2002, 1 CD-ROM.

HARRISON, Peter. “Ciência e “Religião”: construindo limites. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, p. 1-33, março, 2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/p_harrison.pdf>. Consulta em: 20/08/2016.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São

Paulo: Cultrix, 1991.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

_____. *Revista Espírita*: jornal de estudos psicológicos (segundo ano – 1859). Tradução de Julio Abreu Filho. São Paulo: EDICEL, 1968a.

_____. *Revista Espírita*: jornal de estudos psicológicos (décimo primeiro ano – 1868). Tradução de Julio Abreu Filho. São Paulo: EDICEL, 1968b.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: Editora UnB, 1985.

TERRIN, Aldo Natale. *Antropologia e horizontes do sagrado*: cultura e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.

VILHENA, Maria Ângela. *Espiritismos*: limiares entre a vida e a morte. São Paulo: Paulinas, 2008.

VOVELLE, Michel. *A Revolução Francesa contra a Igreja*: da Razão ao Ser Supremo. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458